



AS CARTAS DE DIÓGENES DE SINOPE GRUPO 1

George Felipe Bernardes Barbosa Borges
Mestrando em filosofia pela UFG

Introdução

Esta tradução é uma tradução parcial, do inglês para o português¹, que contempla as cartas de Diógenes de Sinope (404-323 a.C). Tais cartas com conteúdo cínico foram por muitos anos creditadas ao próprio Diógenes, o Cão, o mais famoso precursor da escola. No entanto, depois de estudos mais aprofundados, autores como Boissonade, Macks e Capelle concluíram que as 51 cartas, que em tese seriam de Diógenes, são na verdade apócrifas. Capelle, por exemplo, afirma que as 51 cartas são de autores de diferentes posições filosóficas. Para citar certas diferenças que ele observou: algumas cartas eram anedóticas enquanto outras não; algumas eram apenas saudações, outras continham insultos e exortações. E assim as dividiu em quatro grupos, partindo de três critérios – estilo, conteúdo e tendência. A seguinte tradução tem o enfoque no grupo 1: “são cartas que contém conteúdo anedótico e estilo não retórico” (MALHERBE, p.14, 2006, tradução nossa).

O fato das cartas serem apócrifas não retira a importância e a centralidade delas no estudo da filosofia cínica. É de conhecimento comum no meio filosófico que a escola de Diógenes não elaborou nenhuma teoria de forma sistemática. A reconstrução que fazemos da escola se dá por meio dos relatos, principalmente os de Diógenes Laércio, famoso doxógrafo, na sua obra *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*. As cartas, contendo relatos e algumas posições filosóficas, mesmo não sendo escritas de próprio punho por Diógenes ainda sim

¹ Tradução autorizada pela editora *Society of Biblical Literature*, editora que publicou a tradução do grego para o inglês.

foram e são valiosas para a difusão e a compreensão do que foi o cinismo e de quem foi Diógenes, o Cão.

Além disso, podemos ver as cartas como um conteúdo apologético do Cinismo. Isto é, como um panfleto de propaganda da escola. Podemos ver em muitas das cartas que os relatos que Diógenes faz de si mesmo são sempre positivos, e muitas vezes até bem equilibrado, tentando fazer uma conversão através do diálogo, como na carta 31. Diógenes é colocado aparecendo em um contexto desconfortável e saindo como um herói, que converteu o seu interlocutor aos preceitos da escola, algo que dificilmente podemos imaginar que o “lembrete vivo da insensatez humana” (p.83, 1996) poderia ter feito.

Agora, sobre os aspectos mais técnicos do trabalho, reiteramos que esta é uma tradução do inglês para o português. Em alguns momentos mais críticos, nos quais as passagens ficaram obscuras, nos voltamos para o grego com a ajuda de Brenner Brunetto Oliveira Silveira e do prof. Dr. Aldo Lopes Dinucci, a quem somos muito agradecidos. Nesses pontos, deixamos algumas notas explicativas que justificam a tradução da maneira como foi feita. Ademais, ao longo do texto aparecem termos entre colchetes, preenchendo algumas lacunas que se abrem na tradução, colocando alguns complementos para ajudar o leitor a resgatar o sentido da frase.

TRADUÇÃO

Carta 3. Para Hipárquia

Admiro-te por tua avidez, embora sejas mulher, anseias pela filosofia e te tornaste uma de nós, deixando assustados os homens com tua seriedade. Mas sê sóbria para ir até o final do empreendimento que começaste. Estou certo de que irás conseguir se não deixares Crátes, teu marido, ser superior a ti. E caso escrevas frequentemente para mim, posso ajudar-te com a filosofia. Afinal, as cartas são nobres e não são inferiores a conversas nas quais estejamos realmente presentes.

Carta 8. Para Eugênio

Viajando de Mégara para Corinto e enquanto atravessava o mercado fui para uma escola de crianças. E já que elas não estavam declamando bem, acreditei que era melhor perguntar quem estava ensinando-lhes. Elas responderam: “Dionísio, o tirano de Sicília”. Pensei que não tinham respondido com franqueza e estavam brincando comigo. Fui sentar-me

num banco e o esperei respeitosamente, pois me falaram que já ele estava vindo até o mercado. E de fato não demorou muito para que Dionísio voltasse. Levantei-me e fui até ele, chamando-o pelo nome:

– Dionísio, és um mau professor!²

No entanto ele pensou que eu estava me simpatizando com sua queda do poder e da condição presente de tua vida. Então ele disse:

– Diógenes, agradeço por compartilhar do meu sofrimento.

– Eu usei a palavra “mau” e é verdade. Não estou chateado porque foste privado do poder absoluto, Dionísio, mas porque agora vives como um homem livre na Grécia, escapando com vida dos problemas da Sicília. Tu devias ter morrido lá depois de ter feito o que fez naquelas terras e naquele mar - respondi.

Carta 9. Para Crátes

Ouvi dizer que trouxestes todos os teus bens para a assembleia e entregastes à tua pátria, e estando junto ao povo que gritava:

– Crátes, liberta-te de ti mesmo!³

Assim, todos os cidadãos ficaram satisfeitos com o presente e se perguntaram sobre mim, a pessoa que cria homens desse tipo. Antes eles disseram que me mandariam para Atenas; mas tu, consciente do que eu queria, os impediste. Por isso, faço um elogio ao teu bom senso, e estou encantado com tua renúncia de propriedade, uma vez que se tornastes superior à opinião das massas mais rápido do que esperava. Volta rapidamente, porque tu ainda precisas de treinamento e não é seguro ficares onde não há ninguém igual a ti.

² N.T. Essa parte do texto em particular foi bastante confusa para traduzir. Em inglês, usou-se o termo “awful” para adjetivar a função de professor de Dionísio. Tivemos que recorrer ao grego, que usa os verbetes: οὐκ εὖ (*ouk eu*), onde *ouk* é uma negação e o *eu* é um verbo que significa bom. Assim, Diógenes literalmente nega a condição de bom professor de Dionísio.

³ N.T. A tradução inglesa não foi suficientemente clara sobre este ponto, por isso decidimos nos voltar ao grego. A frase original no grego é: “κράτης κράτηος κράτητα ἀφίησιν ἐλεύθερον”. O verbo ἀφίησιν está na segunda conjugação do presente do subjuntivo, então teríamos: “Que Crates liberte (ἀφίησιν ἐλεύθερον) Crates (κράτητα – nesse caso, houve uma declinação, e Crates passou para o acusativo) de Crates (κράτητος – outra declinação, onde Crates agora passa para o genitivo)”. Considerando a possibilidade de haver um trocadilho com κρατεω (governar), teríamos algo como “Que o que governa torne livre o que governa do que governa”. Significando algo tipo “Que o que governa liberte-se de si mesmo”.

Carta 10. Para Metrocles, beneficia-te⁴

Sê ousado, não só no que diz respeito ao vestuário, nome ou modo de viver, Metrocles, mas também ao mendigar para o sustento, pois não é nada vergonhoso. Reis e senhores pedem dinheiro, soldados, comida e navios para teus súditos. E aqueles que estão doentes pedem remédios para seus médicos, não só para a febre intermitente, mas também para os calafrios e as pragas. Aqueles que gostam de meninos pedem beijos e carícias, e dizem que até Hércules recebeu apoio de pessoas insensatas. Está tudo bem mendigar, se não for para receber algo gratuitamente ou oferecer algo pior em troca, mas pela salvação de todos; isto é, pedir às pessoas coisas que estão de acordo com a natureza e perguntar com a intenção de fazer as mesmas coisas que Hércules, filho de Zeus, sendo capaz de devolver algo muito melhor do se recebe.

O que quer dizer? Que ao fazer isso tu não estás lutando contra a verdade, mas contra a opinião das massas. Luta contra isso em todos os lugares, mesmo se nada te pressionar, pois a batalha contra coisas como estas também é um bom hábito. Sócrates costumava dizer que os sábios não mendigam, mas exigem de volta, porque tudo lhes pertence, assim como acontece com os deuses. Ele inferiu isso a partir das premissas de que os deuses são donos de tudo, as propriedades dos amigos são compartilhadas e que o sábio é um amigo dos deuses. Sendo assim, tu estarás mendigando pelo que lhe pertence.

Carta 11. Para Crátes, beneficia-te

Pede pão para as estátuas do mercado enquanto te acostumavas. De certa forma, tal prática é boa, porque encontrarás homens mais insensíveis do que estátuas. Sempre que derem algo aos eunucos e aos autores de obscenidade mais do que a vós, não te surpreendas. Cada pessoa reverencia àquele que está próximo dela e não o muito distante. E são os eunucos e não os filósofos que favorecem as massas.

Carta 12. Para Crátes, beneficia-te

Assim como fazemos em relação à filosofia, as massas apressam-se ansiosamente para o que pensam ser felicidade, quando ouvem falar de um atalho que as conduz até ela.

⁴ N.T. Não se sabe ao certo o período de vida de Metrocles de Maroneia. Sabe-se que ele foi aluno de Teofrasto, o principal diretor do Liceu após Aristóteles e Crates. Sabe-se que ele teria atingido sua maturidade em 325 a.C., o que poderia tornar plausível a correspondência.

Mas quando chegam nessa estrada e examinam a sua robustez, recuam como se estivessem doentes e, de alguma forma, dão voz a uma queixa não sobre tua própria fraqueza, mas sobre nossa indiferença à dificuldade. Deixem-nos dormir com seus prazeres enquanto estão impacientes para serem felizes. Pois, por viverem assim, maiores dificuldades chegarão a eles, não a nós. Em razão disso, eles se tornam ordinários escravos das circunstâncias. Mas quanto a ti, continua em teu treinamento do mesmo modo que começaste, e persevera em uma resistência equilibrada tanto ao prazer quanto à dificuldade. Porque a guerra contra ambos é natural para nós, e acima de tudo, é necessário impedi-los, um porque leva a atos vergonhosos, outro porque nos afasta de atos nobres através do medo.

Carta 26. Para Crátes

Lembra-te que incitei-te à pobreza perpétua da vida. Tenta não deixá-la de lado, nem permitir que ela lhe seja tirada por alguém. Já que é provável que os tebanos voltem a cercarte julgando-te infeliz. Mas quanto a ti, consideras o manto esfarrapado uma pele de leão, o bastão, uma clava, e a sacola como a terra e o mar, a partir do qual és alimentado. Assim o espírito de Hércules, mais poderoso do que toda sorte da fortuna, despertará em vós. Agora, se tu ainda tens lupinos ou figos secos, envia-os pra mim.

Carta 30. Para Hicetas, beneficia-te

Vim para Atenas, pai, quando soube que um companheiro de Sócrates estava ensinando sobre felicidade, quis ouvi-lo⁵. Na ocasião ele falava sobre duas estradas que levam a ela [felicidade]. Há duas e não muitos caminhos: um é o atalho, e o outro é o caminho longo. Consequentemente, qualquer pessoa pode prosseguir através de qualquer um que desejar. Fiquei em silêncio no momento em que ouvi isso, mas quando voltamos a ele no dia seguinte, pedi-lhe que nos falasse mais sobre as duas estradas. Ele levantou-se prontamente de seu assento e nos levou até a cidade seguindo diretamente até a acrópole.

E quando estávamos chegando, ele indicou-nos um par de estradas que levam para cima: uma curta, levantando-se contra a colina e difícil; outro longa, suave e fácil. E assim que chegamos lá embaixo ele disse:

⁵ N.T. Essa carta remonta à discussão acerca das origens do cinismo. Embora seja algo que extrapole os limites de uma nota de rodapé, podemos prestar os seguintes esclarecimentos ao leitor. Seguindo a linha da tradição, provavelmente este companheiro de Sócrates é Antístenes (ca. 445-365 a.C). Atualmente se discute muito sobre o aspecto histórico da escola, questionando o encontro dos dois filósofos (Antístenes e Diógenes). De toda maneira a questão da historicidade permanece aberta.

– Tais são os caminhos que conduzem à acrópole. Os que conduzem à felicidade são como eles. Cada um escolha o que preferir, e eu os guiarei.

Então, outros, temerosos com a dificuldade e inclinação da estrada, retrocederam e o incitaram a levá-los pelo caminho longo e suave. Como eu era superior às dificuldades, escolhi o caminho íngreme e áspero, pois a pessoa que se apressa na direção da felicidade deve prosseguir mesmo que seja através do fogo e da espada.

Depois que escolhi este caminho, ele tirou meu manto e minha túnica, me cobriu com um casaco velho e esfarrapado e pendurou uma sacola no meu ombro, colocando nela pão, bebida, um copo e uma tigela. Ele prendeu um frasco de óleo e um estrígil por fora⁶, e também me deu um bastão. Fornecido com este equipamento, perguntei-lhe o porquê do manto velho. Ele explicou:

– Para que eu possa ajudar-te em teu treinamento para as duas eventualidades: o calor ardente do verão e o frio do inverno.

– O que? -, eu disse. Não sou o único a fazer isso?

– De jeito nenhum - ele respondeu. Isso traz alívio durante o verão, mas no inverno provoca mais sofrimento corporal do que uma pessoa pode suportar.

– Mas por que pendurastes a sacola em mim?

– Para que possas levar tua casa contigo em todos os lugares - explicou.

– E o copo e a tigela, por que os jogaste aqui dentro?

– Já que tens que beber e comer - ele disse -, e caso não tenhas mostarda, use algum outro tempero.

– O frasco de óleo e o raspador, por que penduraste ao lado?

– Um é útil para o trabalho duro - disse - e o outro para óleo e sujeira.

– E quanto ao bastão, para que serve? - perguntei.

– Para segurança - respondeu.

– Como usar?

– Da mesma maneira que os deuses usam, contra os poetas.

Carta 31. Para Fenilo, beneficia-te

Estava indo para Olímpia depois dos jogos e, após um dia, Círcemo, o pancrático, encontrou-me ao longo da estrada. Ele recebeu a coroa olímpica e no caminho de volta para

⁶ N.T. Besuntar-se de óleo foi uma prática comum na Grécia e Roma. Fazia-se isso por duas razões: para camuflar os odores corporais e para ressaltar os músculos. Já o estrígil era muito utilizado como uma ferramenta de higiene. O estrígil era uma espécie de raspador para limpar a sujeira do corpo.

casa foi acompanhado por uma grande multidão de amigos. Quando ele aproximou-se de mim, peguei-o pela mão e disse:

– Ei, desportista, retira-te deste miserável exercício e põe fim à fumaça⁷, pois que trazes na bagagem de volta para Olímpia um estranho para os próprios pais. E diz-me, de que tu te orgulhas - prossegui -, que coroas tua cabeça com esta grinalda, levantas a palma das tuas mãos e arrastas essa multidão atrás de ti?

Ele respondeu:

– Por ter batido todos no pancrácio em Olímpia.

– Oh, que maravilha! - eu exclamei - Zeus também é teu irmão?

– De forma alguma - ele disse.

– Mas aqueles que batestes, foste desafiando-os um por um?

– Não exatamente - ele respondeu.

– Bem, então, tu ganhaste o pancrácio batendo apenas em alguns, presumo e tendo os outros atribuídos a ti. Certo?

– Sim.

– Então, como te atreves a dizer que batestes naqueles eliminados por outros? E então? Só os homens participam do pancrácio em Olímpia?

– Garotos também - ele adicionou.

– E tu lutaste e venceste contra eles, embora já tenhas crescido na masculinidade?

– Não - ele disse -, pois eles não estavam alocados no meu grupo.

– E então? Batestes em todos que estavam em teu grupo?

– Certamente.

- Diz-me - eu disse -, teu grupo não era o dos adultos?

– Isso, era - respondeu.

– Agora, falemos de Círcemo, com que tipo de grupo ele competia?

– Tu queres dizer eu? O grupo de adultos - ele explicou.

⁷ N.T. Voltamo-nos ao grego e observamos que o termo usado é um dos conceitos mais importantes da escola cínica: *týphos* (τύφος), mas ele aparece de maneira declinada, no genitivo ficando, desse modo, τύφου. Navia explica melhor este conceito, remetendo a lenda de Hesíodo: “Estar em *týphos*, portanto, significa estar no escuro. As lendas mitológicas sobre Tífon, o monstro medonho que, segundo Hesíodo (Teog., 820 e seq.), nasceu da união entre a Terra e o Tártaro, sendo o seu filho mais jovem, que, com suas centenas de cabeças, mãos e pés, infligia tamanho sofrimento por onde quer que passasse, apreende bem o primeiro sentido da palavra. O monstro criador de escuridão foi finalmente atirado no Tártaro pelo poder de Zeus e, em sua descida através da cratera do Etna às escuras regiões infernais sob a Terra, fez com que uma vasta nuvem vulcânica cobrisse o céu. Como personificação mitológica das forças vulcânicas e dos vendavais, Tífon figura nas tradições ocidentais como a fonte simbólica da escuridão física e espiritual” (NAVIA, p. 205, 2009). Na tradução em inglês o termo que consta é *delusion*, que é também uma boa maneira de traduzir, captura bem o sentido do conceito cínico. Mas acreditamos, e por isso optamos, pelo termo “fumaça” ou “neblina”, que ficaria mais fiel a ideia do Tífon.

- Então bateste em Círcemo?
- De forma alguma - ele insistiu.
- E tu, que não derrotaste nem os meninos nem todos os adultos, como ousas dizer que és o vencedor? Quais foram teus adversários? - perguntei.
- Homens - ele respondeu -, renomados na Grécia e na Ásia.
- Eles eram superiores a ti, iguais ou mais fracos?
- Superiores.
- Estás dizendo que aqueles que perderam pra ti são superiores?
- Iguais - ele disse.
- E agora és capaz de bater em teus iguais sem que eles sejam mais fracos que tu?
- Inferiores - ele corrigiu.
- Então tu não vais parar de gabar-te por derrotar aqueles mais fracos do que ti? Ou tu és o único homem que pode fazer isso [derrotar os mais fracos], enquanto uma pessoa comum não seria capaz de fazer? Não há ninguém que não domine aqueles mais fracos que ele mesmo em força. Em qualquer caso, Círcemo, diz adeus a tudo isso e não compitas no pancrácio, nem contra os homens a quem tu serás inferior pouco tempo depois, quando chegar a idade avançada. Mas vem praticar algo realmente honrado e aprende a ser firme sob golpes, não de homens insignificantes, mas do espírito, não através de tiras de couro ou punhos, mas através da pobreza, descrédito, nascimento modesto e exílio. Pois quando tu estiveres treinado para desprezar essas coisas, viverás feliz e morrerás de forma suportável. Mas se tu te esforças por aquelas outras coisas, viverá em sofrimento constante.

Enquanto expunha essas coisas para ele, ele deixou cair a palma da mão no chão, tirou a coroa de tua cabeça e foi capaz de ir embora pelo seu caminho.

Carta 33. Para Fanômaco, beneficia-te

Fiquei sentado no teatro colando páginas de um livro, quando Alexandre, filho de Filipe, subiu e ficou bem ao meu lado, bloqueando a luz do sol. Eu olhei para cima, porque não podia mais ver as junções das páginas em nada, e o reconheci ao meu lado. Ele também me reconheceu quando o olhei, me cumprimentou e me ofereceu sua mão direita. Cumprimentei-o de volta e falei com propriedade:

- Tu és verdadeiramente invencível, meu garoto, já és capaz das mesmas coisas que os deuses. Vê, eles dizem da lua, que ela dispõe o sol por ficar em seus caminhos, e tu fizeste a mesma coisa ao vir aqui e ficar perto de mim.

Então Alexandre disse:

– Estás brincando, Diógenes!

– O que queres dizer? - eu retruquei - Em primeiro lugar, tu estás vendo que não posso trabalhar porque enxergo como se fosse noite. E em segundo lugar, embora não signifique nada para mim estar discutindo essas coisas contigo agora, estou de fato fazendo isso.

– Nada? - ele disse - É isso que Alexandre, o rei, significa para ti?

– Nem um pouco - eu disse -, pois Diógenes não guerreia contra qualquer coisa que aparece, nem a tem em mente, como o fazes com as posses dos macedônios e lacedemônios ou de qualquer outro povo, cada um dos quais precisa de um rei nestes assuntos.

– Mas eu importo a ti por causa de tua pobreza - ele contradisse.

– Que tipo de pobreza? - questionei.

– Tua pobreza - ele explicou -, por isso tu és, portanto, um mendigo para todas tuas necessidades.

– Pobreza - repliquei -, não consiste em não ter dinheiro, nem mendigar é uma coisa ruim, mas a pobreza consiste em desejar tudo, e isso está em teu poder fazer, e tu o fazes com vigor. Portanto, as fontes e a terra são aliadas de minha pobreza, sim, mesmo as cavernas e as peles de cabra são. E ninguém luta contra mim por isso, nem na terra, nem no mar. Mas como eu nasci, acompanha bem, assim também vivo. Para ti, porém, a terra é encontrada para não ser aliada, da mesma forma o mar. Mas tu deixas estes [a terra e o mar] de lado como mundanos, e cria um paraíso. Tu nem sequer atendes a Homero, que nos adverte a não desejar tudo isso quando ele descreve os sofrimentos dos Aloídas a fim de mais autocontrole.

Enquanto estava expondo todos esses pontos com grande inspiração, um grande sentimento de admiração veio de Alexandre e, inclinando-se para um de teus companheiros, ele disse:

– Se eu não tivesse nascido Alexandre, teria nascido Diógenes.

E fazendo-me levantar, ele tentou me levar consigo, me incitando a acompanhá-lo na campanha. Mas relutantemente me deixou ir.

Carta 34. Para Olímpia, beneficia-te

Não te queixes aos meus companheiros, Olímpia, sobre meu uso de um manto desgastado e sobre minha mendicância de farinha de cevada em volta das pessoas. Pois isso não é vergonhoso e nem, como tu afirmas, comportamento suspeito para homens livres. Pelo

contrário, é nobre e pode ser uma arma contra as aparências que guerreiam contra a vida. Doravante, não aprendi essas lições com Antístenes, mas em primeiro lugar, com os deuses, heróis e aqueles que converteram a Grécia para a sabedoria, como Homero e os poetas trágicos. Pois disseram que Hera, a esposa de Zeus, depois de ser transformada em sacerdotisa, tomou este tipo como modo de vida, coletando esmolas para as “ninfas da primeira, nobres deusas, descendentes vivas de Ínaco, o rio Argive”. E esse Télefo, filho de Hércules, quando veio a Argos, apareceu em um estado muito pior que o nosso, com mendigos jogando trapos em volta de teu corpo para ajudar contra o frio. E Odisseu, filho de Laertes, voltou de Troia para casa com um manto rasgado, coberto de sujeira e fumaça de cozinha. Agora, minha roupa e minha mendicância ainda parecem vergonhosas ou são elas nobres e admiráveis, devendo ser usadas por qualquer pessoa sensível em nome da frugalidade?

Télefo escondeu-se neste modo de vida para encontrar a saúde, e Odisseu também fez assim para matar os pretendentes, esperando os erros durante um longo período de tempo. Quanto a mim, faço para encontrar a felicidade, da qual a boa busca de Télefo é apenas uma parte, para acabar com as falsas opiniões, por causa das quais temos tomado mais de um depoimento de nós mesmos, para escapar de doenças e caluniadores do mercado e para percorrer toda a terra sendo um homem livre, sob o pai Zeus, não temendo nenhum dos grandes senhores.

Então, mãe, se eu curar tu de tua dor, apontando aqueles que usam mantos mais esfarrapados que o meu, levam uma sacola e mendingam por farinha de cevada de seus inferiores, agradece a Deus. Mas se não, tu ficarás chateada sem nenhum propósito.

Carta 35. Para Sopolís, beneficia-te

Eu vim de Iônia para Mileto e, enquanto atravessava o mercado, entre outras coisas ouvi crianças tocando incorretamente. Então fui até o professor e perguntei:

– Por que tu não ensinas cítara tocando?

Ele respondeu:

– Porque eu nunca aprendi a tocar.

– Então o que significa isso? - questionei -, como tu não aprendeste, não deves ensinar; tu ensinas literatura que nunca aprendeste?

Continuei um pouco, cheguei até o ginásio dos jovens e, ao ver alguém jogando mal na quadra aberta, fui até o guarda da palestra e perguntei:

– Que penalidade é aplicada a alguém que está sendo lubrificado para o jogo, mas não sabe jogar?

– Um óbolo - o guarda respondeu.

– Esse jovem - eu disse, apontando para ele -, está brincando, sem nenhuma penalidade aplicada contra ele.

Então também removi meu manto esfarrapado, desamarrei o estrígil e subi para me olear. Não passava muito tempo sem que um dos rapazes, seguindo o costume do local, chegasse até mim, sempre muito bonito em aparência, sem barba, e impulsionasse a mão em minha direção, tentando ver se eu era familiarizado com a luta. Por um tempo, fingi por modéstia não saber nada. Mas quando ele ameaçou acabar comigo, comecei a me mover em várias posições contra ele, seguindo o procedimento normal. Então meu ponteiro de alguma forma tornou-se ereto (tenho medo de mencionar o outro nome por causa do público em geral), e com isso o rapaz me deixou e saiu envergonhado. Mas fiquei ali e me esfreguei.

Agora, quando o guardião da palestra me viu, ele se levantou e censurou-me. Mas eu disse:

– Então, depois de permitir que o jogo continue de maneira normal, tu vais me questionar agora? Se fosse usual para aqueles que se lubrificam a vender algo que induz a espirrar, tu não ficarias irritado se um daqueles besuntados com óleo espirrasse no ginásio. Mas estás chateado agora que alguém bastante espôntaneo experimenta ao rolar ao redor com um rapaz bonito? Ou tu achas que, enquanto as narinas são completamente responsivas à natureza, esta outra parte de nós está no poder de nossa escolha deliberada? Tu não vais parar - adicionei - de lutar convulsivamente contra aqueles que vêm aqui? E se tu tens alguma razão para isso não ocorrer no ginásio, em seguida, retira teus jovens de teu meio. Mas tu achas que tua regulamentação será capaz de colocar nos loiros restrições sobre a natureza excitável, quando os meninos passam a rolar com os adultos?

Depois que disse isso, o guardião da palestra partiu em seu caminho, e eu vesti meu manto, coloquei minha sacola e fui em direção ao mar.

Carta 36. Para Tímaco, beneficia-te

Vim para Cízico e, enquanto fazia meu caminho ao longo da estrada, vi isso escrito em uma porta: “O filho de Zeus, o gloriosamente triunfantes Hércules, vive aqui. Que nenhum mal entre”. Então, parando, li isso e perguntei a um transeunte:

– Quem vive nesta casa, e de onde ele é?

Mas, pensando que eu perguntava com um olho para o folheto de pão, ele respondeu:

– Um homem sem valor, Diógenes. Vai embora daqui!

Então disse para ele:

– Mas este homem, quem quer que seja, parece, pelo que diz, ter barrado a porta para si mesmo.

Então, depois de passar um pouco, vi outra porta com o mesmo iâmbico escrito.

Perguntei:

– Quem vive nesta casa?

– Um coletor de impostos - ele respondeu -, uma pessoa vulgar.

Eu disse:

– Então fazem essas portas apenas para quem nada tem de bom ou fazem as portas para pessoas de caráter também tê-las?

– Todos eles fazem - ele respondeu.

– Então por que - perguntei - se isso beneficia, não escreves nas portas da cidade, em vez de apenas nas casas, nas quais nem mesmo Hércules pode entrar? Ou tu quer que a cidade esteja em um estado pesaroso, mas não as casas? Ou são os males públicos incapazes de prejudicar a ti, mas apenas os privados?

– Diógenes - ele responde -, eu não tenho resposta para ti sobre essas questões.

– Mas o que - eu continuei - vós, cidadãos de Cízico, consideram ser mal?

– Doença, pobreza, morte, coisas desse tipo - ele disse.

– Então tu acreditas que, se essas coisas entrarem na tua casa, elas farão mal a ti; mas caso não entrem, não te ferirão?

– Certamente - ele respondeu.

– Assim seja - continuei. Mas esses males, eles não agarram para ferir pessoas?

– Eles o fazem na verdade - replicou.

– Assim - eu disse -, quando eles [os males] entram nas casas, eles agarram-nos; mas quando invadem o mercado, então não os possuem? Ou há alguém que os proíba de tocar em ambos no mercado e nas casas?

– Eu não tenho nenhuma resposta para ti sobre esse ponto - ele admitiu.

– E então? - perguntei - esses males te fazem mal quando entram em suas casas, ou quando entram em vós mesmos?

– Em nós - respondeu.

– Então - disse -, embora seja possível inscrever o verso iâmbico em si mesmo, tu o escreves nas portas? Mas como Hércules, embora seja um homem capaz, vai peregrinar em tantas casas? Isso pode muito provavelmente dar prova de loucura da cidade.

Ele retrucou:

– Diógenes, então qual outra inscrição mais auspiciosa poderia ser escrita por alguém?

– É totalmente necessário - perguntei - que haja algo escrito na porta?

– Certamente - respondeu.

– Ouve este - ofereci. Pobreza vive aqui, não deixe o mal entrar.

– Não digas isso - ele advertiu -. Ela mesma é má.

– Má em tua opinião - corrigi -, tu não aprendeste isso comigo!

– “Mas ela devorou os bois dos Lidianos”. Agora a pobreza não é um mal para os deuses? - ele perguntou.

– O que é que chamastes de mal?

– O que provoca fome, frio e desgraça.

– Mas nenhuma dessas coisas que mencionastes está ligada à pobreza. Vê, a fome não é, pois muitas coisas brotam na terra através da qual a fome é abastecida; e o frio também não, já que os animais, embora estejam nus, não sentem frio.

– Mas a natureza criou os animais assim - ele contra-atacou.

– E a razão faz as pessoas assim - eu disse -, mas muitos por causa de sua fraqueza moral fingem não entendem. Mas mesmo aqui há aliados: animais escondidos, peles de carneiros, paredes de cavernas e casas. Na verdade, a pobreza não produz desgraça. Certamente ninguém despreza Aristides, que fixou a taxa dos impostos, embora fosse um homem pobre. Nem Sócrates, filho de Sofronisco. As circunstâncias da pobreza não são a fonte de danos, mas a depravação é. Que outras coisas - perguntei -, além dessa [depravação] estariam fazendo com que a pobreza habitasse com ti? Não seria desejável afastar de tu outros males mais violentos?

– Que tipo de males? - ele perguntou.

– Ciúmes, ódio, calúnias, assaltos, indigestão, cólicas e outras aflições problemáticas. Então escreve que a pobreza vive com vós, não Hércules. Pois tu nem sequer temes as coisas que Hércules pode matar: serpentes de água, touros, leões, Cérbero. Tu mesmo caças alguns deles. Mas o que a pobreza mantém afastado, são essas coisas terríveis. Com pouca despesa tu

farás a pobreza crescer como uma guardiã de ti mesmo, mas como Hércules, em um custo grande.

– Mas a pobreza tem má reputação - ele reclamou -, e Hércules uma boa.

Repliquei:

– Se a pobreza tem uma má reputação contigo, Hércules também tem com os Aúgias, Diómedes, o Trácio e outros.

– Diógenes - ele disse -, tu não me convenceste a inscrever ‘pobreza’. Pense em outra coisa para que eu possa obedecer a ti e apagar ‘Hércules’.

– Já pensei - respondi. Ouve o que digo: ‘A justiça vive aqui, o mal não entra’.

Ele disse:

– Aqui estou conquistado por ti. Mas eu não apagarei o ‘Hércules’. Escreverei ‘justiça’ juntamente com o nome dele.

– Faz isso direito - adverti. E depois de inscrever, pode deitar e dormir, como Odisseu, sem medo de mais nada.

– Vou fazê-lo - ele disse -, e vou agradecer-te por isso agora e sempre, Diógenes. Afinal, tu me salvaste dos males.

Isto, meu querido Tímaco, foi a orientação que dei a Cízico.

Carta 37. Para Mônimo, beneficia-te

Depois que embarcaste e deixaste Éfeso, naveguei a Rodes, ansioso para testemunhar a competição no festival do sol. Desembarcando, fui até a cidade para a casa de Lácides, meu anfitrião. Quando ele soube que eu estava no porto, talvez ele tenha evitado o mercado. Não o encontrei em lugar algum, embora tivesse feito rondas, mas soube por inquérito que ele estava na cidade, então subi e pedi a hospitalidade dos deuses. Alojei-me com eles. Isto posto, por volta do terceiro ou do quarto dia, quando ele se encontrou comigo na estrada que leva até o campo militar, ele me cumprimentou e me convidou para compartilhar sua hospitalidade.

Agora, já não sentia raiva por ele ter me recebido depois de tanto tempo, eu disse:

– É desrespeitoso deixar os deuses, que me receberam depois que tua hospitalidade foi barrada para mim quando desembarquei. Mas uma vez que eles não podem se ofender com nada deste tipo, embora façamos por causa de nossa fraqueza, vamos. Mas primeiro, se achas que é uma boa ideia, nos exercitemos. Pois, mesmo me hospedando na tua casa hoje, deixando os anfitriões superiores, não acho que devo negligenciar meu corpo.

– Bem colocado, Diógenes - ele disse -, mas não estou forçando-te a desprezar os deuses.

Então fui até o acampamento militar, andei por ali, e depois desci para a casa de Lácides. Sua mobília não era do tipo suficiente às nossas necessidades naturais, mas era toda para figurar uma aparência, da qual outros são escravos. Os sofás eram cobertos de maneira dispendiosa, e várias mesas estavam de frente para eles, algumas feitas de *bariasnous*⁸, outras de madeira de bordo, carregadas com uma placa de prata. E, além disso, os servos estavam de pé, alguns segurando tigelas de dedo, outros, utensílios de vários tipos. Olhando para essas coisas eu disse:

– Mas eu vim para compartilhar de tua hospitalidade, Lácides, a fim de obter algum benefício com isso. Contudo, me recebeste da mesma forma que meus inimigos. Ordena que os preparativos sejam removidos para outro lugar e os faz [os escravos] repousar, como Homero fez com seus heróis na *Ilíada*, sobre o couro de bois dos campos, ou como os espartanos fazem sobre um leito de palha. Deixa o corpo repousar sobre o que ele tem se acostumado. E não deixes que nem um único garçom fique aqui em serviço. Pois nossas mãos serão adequadas para isso, e, de fato, nos foram dadas por natureza para este propósito. Deixa os copos que bebemos ser do tipo de barro, magro e barato. E nossa bebida, ser água da nascente. E o pão, nosso alimento. O sal ou o agrião, nosso tempero. Aprendi essas coisas, como comer e beber, com a ajuda de Antístenes, e não como se fossem pobres, mas superiores ao resto e mais prováveis de serem encontradas na estrada que leva à felicidade, que deve ser considerada como o mais estimado de todos os bens. É um lugar muito seguro e escarpado, uma estrada, íngreme e acidentada, assim estabelecida. Por causa desta robustez, um indivíduo, despojado de ação, mal conseguiria subir por essa estrada. E se uma pessoa carregasse consigo algo como obrigações e problemas, esta não seria salva, afinal não seria a pessoa que perseguia algo "necessário". Também, a pessoa teria que fazer da grama ou dos agriões ao longo da estrada como sua comida e água como sua bebida, e especialmente onde seria necessário proceder com rapidez. É preciso treinar-se para comer agriões e beber água, e usar um manto leve e esfarrapado. Demonstrei como se retirar para a subida, enquanto Hermes estava no cume fazendo uma busca cuidadosa daqueles que avançavam, para que não procedessem de casa com suprimentos impróprios para a viagem. Eu, após a primeira prática de como comer e beber na companhia de Antístenes, alcancei o caminho para a felicidade, com pressa e sem fôlego. Chegando onde realmente estava a felicidade, eu disse: ‘Por causa

⁸ N.T. Provavelmente se trata de um tipo de madeira, talvez extinta. Não se acha informações sobre ela.

de ti, Felicidade, e por causa do bem maior, persisti em beber água, comi agriões e deitei no chão'. Ela respondeu-me assim: 'Farei essas coisas, longe de uma dificuldade, mais agradáveis para ti do que os bens da riqueza, que as pessoas colocam em primeiro lugar, à minha frente. Mas elas não estão cientes de que estão alimentando um tirano para si mesmos'. E desde o momento em que ouvi a Felicidade dizendo isso, já não comia e bebia essas coisas como um exercício, mas como uma forma de prazer. A força do hábito também me manteve nesta dieta, e sai prejudicado qualquer um a que falta isso. Portanto, tu também [sairás prejudicado], definindo jantares como estes antes de mim, fingindo a coisa mais rara da vida, a Felicidade. Quanto aos objetos de riqueza, envia-os para aqueles que perderam o caminho para a felicidade. Mas se isso parecer certo para ti – eu continuei – observa o seguinte também. Sempre entretém-me com tais banquetes [de água e agrião] e, a partir de agora, oferece refeições como esta para os teus convidados. Nunca evites os que estão presentes, e seja o último a fazer perguntas. Desta forma, estarás acima de qualquer reprovação.

Foi o que disse a Lácides, meu amigo convidado, enquanto estava em Rodes.

Carta 38.

Depois do encerramento dos jogos, tu partiste para Olímpia. Mas, como eu gosto muito de espetáculos, fiquei para assistir o resto da celebração festiva. Estava passando um tempo no mercado, onde o resto da multidão estava, e enquanto passeava para frente e para trás, me virei por um tempo para aqueles que vendem coisas, e depois para aqueles que recitam, filosofam ou profetizam. E, num dado momento, enquanto alguém falava detalhes sobre a natureza e o poder do sol e convencia a todos, fui a seu meio e disse:

– Quantos dias já passaram, filósofo, desde que tu desceste do céu?

Mas não obtive nenhuma resposta. Embora os que estivessem ao seu redor o abandonassem, seguindo teus caminhos. Mas ele, deixado sozinho, começou a reunir os modelos do céu em seu pequeno baú de madeira.

Depois disso fiquei perto de um adivinho. Estava sentado no meio de uma multidão, usando uma coroa de flores maior que a de Apolo, que descobriu a arte da adivinhação. Então, chegando lá, questionei esse homem também.

– Tu és um bom ou um adivinho pobre?⁹

9 N.T. Diógenes neste trecho da carta é colocando fazendo uma falácia lógica, chamada de *pergunta complexa*, onde aquele que pergunta (no caso Diógenes) já coloca seu interlocutor (o adivinho) em uma saia justa apenas ao responder a questão. A estrutura da falácia é a seguinte: 1) Diógenes pergunta se o adivinho é um bom adivinho ou um adivinho pobre; 2) está implícito que ser um bom adivinho é ser um adivinho rico; 3) está implícito que ser um mau adivinho é ser um adivinho pobre; 4) quando o interlocutor responde a pergunta (nesse caso ele disse

Em sua resposta que era muito bom, eu brandi meu bastão.

– O que, então, farei? Responda. Bater-te-ei ou não?

Ele refletiu por um momento e disse:

– Não vais.

Mas o golpeei, com uma risada, enquanto os que estavam em torno bramiam.

Eu disse:

– Por que gritaste? É óbvio que és um adivinho péssimo, por isso apanhaste.

Como os espectadores deixaram este homem também e foram embora, outras pessoas também no mercado separaram os círculos em que estavam quando ouviram sobre esses incidentes e me seguiram a partir de então. E aqueles que me seguiam muitas vezes me escutavam discutindo a resistência dos resignados, e eles muitas vezes estavam presentes quando eu praticava a resistência ou perseguia esse padrão de vida. Por causa disso alguns me deram dinheiro, coisas que valem dinheiro, e muitos me convidaram para jantar. No entanto, peguei de pessoas moderadas o que era adequado à natureza, mas dos indignos não aceitei nada. E daqueles que sentiram gratidão por eu aceitar na primeira vez, eu aceitei novamente também, mas nunca daqueles que não se sentiam agradecidos.

Examinei até mesmo a oferta daqueles que desejavam me presentear com a farinha de cevada, e aceitei daqueles que estavam sendo beneficiados. Mas dos outros não levei nada, já que achei que é impróprio tirar algo de uma pessoa que não recebera nada. Também não jantei com todos, apenas com aqueles que precisavam de medicação. Estes são os que imitam os reis dos persas¹⁰.

Certa vez, quando fui à casa de um rapaz, filho de pais extremamente prósperos, reclinei-me num salão de banquetes adornado com inscrições e ouro, de modo que não havia lugar onde se pudesse cuspir. Portanto, quando algo se alojou em minha garganta, tossi e olhei ao meu redor. Posto que não havia lugar para cuspir, escarrei no rapaz mesmo. Quando ele me repreendeu por isso, respondi:

ser um adivinho bom) ele concorda com estes enunciados implícitos. Este trecho demonstra, para além da falácia, uma ironia bastante sutil para nós, mas muito recorrente no período helenístico e imperial: o desgosto dos filósofos e das pessoas mais esclarecidas pelo misticismo, superstição, bruxaria e adivinhos. Para esses elites intelectuais, quem fazia uso desses expedientes eram charlatões, que agiam de má fé, para se enriquecerem a custa da fé alheia. Era muito comum no império romano livros que desmistificavam e explicavam racionalmente os “milagres” desses charlatões. Luciano em um texto chamado *o Alexandre ou Falso Profeta* trata deste tema (este texto, aliás, foi encomendado por seu amigo Celso, uma das figuras mais notáveis em desmascarar charlatões da antiguidade).

¹⁰ N.T. Esse trecho remonta a algumas das especulações sobre a época em que Diógenes partiu de Sinope. Um das possibilidades é que ele tenha partido voluntariamente, após os persas alcançarem o poder. Outra hipótese, mais aceita, é que Diógenes e seu pai, Hicetas falsificaram várias moedas para tirá-las de circulação, enfraquecendo o poder dos persas, que haviam dominado Sinope (cf. p.81-90, 1996).

– Bem, então, tu me culpas pelo que aconteceu e não a ti mesmo? Foste tu que decoraste as paredes, o pavimento do salão de banquetes, deixando apenas a ti mesmo sem adornos, como um lugar apto a cuspir!

Ele respondeu:

– Tu pareces criticar minha falta de educação, mas não conseguirás mais dizer essas coisas. Eu não pretendo seguir teus passos.

A partir do dia seguinte, depois de distribuir sua propriedade a seus parentes, pegou uma sacola, dobrou um manto velho e seguiu-me. Estas coisas aconteceram-me em Olímpia, depois que partiste.

Carta 44. Para Metrocles, beneficia-te

Não é só pão, água, um leito de palha e um manto velho que ensinam a moderação e a paciência, mas também, se se pode falar assim, o poder do pastor. Gostaria de conhecer aquele famoso companheiro que no passado fez parte de um rebanho de gado. Portanto, presta atenção a isto, onde quer que estejas lançando-te, que isso tenha relação com colocar nossa vida em ordem. Quanto às relações sexuais com as mulheres, o que exige muito tempo livre, despede-te. Pois não há tempo livre, nem para um pobre mendigar, como Platão diz, nem para a pessoa que se apressa no atalho para a felicidade. As relações sexuais com as mulheres proporcionam prazer ao público ignorante em geral. Mas eles, da mesma forma, são danificados por causa dessa prática. Todavia, tu vais aprender na companhia daqueles que aprenderam com Pan a fazer o truque com as mãos. Quanto a ti, então, não retrocedas mesmo se eles chamarem-te de cão ou algum nome pior por causa deste tipo de vida.

Carta 47. Para Zenão, beneficia-te

Não se deve casar nem criar filhos, uma vez que nossa raça é fraca e casamentos e crianças sobrecarregam a fraqueza humana com problemas. Portanto, aqueles que se movem em direção ao casamento e à criação de filhos por conta do apoio que eles prometem, mais tarde experimentam uma mudança de coração quando eles chegam, a saber, que eles são caracterizados por dificuldades ainda maiores. Mas é possível escapar logo desde o início. No entanto, a pessoa insensível à paixão, que considera suas posses como suficientes, estes, negam a se casar e produzir crianças.

Mas a vida se tornará desprovida de pessoas, pois de onde, tu perguntarás, a sucessão de crianças virá?

Eu só queria que o aborrecimento deixasse nossa vida, e que todos se tornassem sábios! Por agora, talvez só a pessoa persuadida por mim vá ficar sem filhos, enquanto o mundo, não convencido, irá gerá-los. Mas, mesmo que a raça humana falhasse, não seria apropriado lamentar isto tanto quanto seria lamentável se a procriação de moscas e vespas falhasse? Afinal é o que dizem as pessoas que não observaram a verdadeira natureza das coisas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

DURANDO, Furio. *A Grécia Antiga*. Trad. Carlos Nougé, Barcelona Ediciones Folio, S.A, 2005.

FINLEY, Moses. *Grécia Primitiva: Idade do Bronze e Idade Arcaica*. Trad. Wilson R. Vaccari . São Paulo, Martins Fontes, 1981.

In: _____. (Org.). *The Cynic Eplistles: A Study Edition*. Trad. Bejamin Fiore; Ronald Hock; Anne McGuire; Stanley Stowers; David Worley. 3.ed. Atlanta: Society of Biblical Litarature, 2006, p.14.

MALHERBE, A.J (Org.). *The Cynic Eplistles: A Study Edition*. Trad. Bejamin Fiore; Ronald Hock; Anne McGuire; Stanley Stowers; David Worley. 3.ed. Atlanta: Society of Biblical Litarature, 2006.

NAVIA, L. E. *Diógenes, o cínico*. Trad. João Miguel Moreira Auto. São Paulo: Odysseus Editora, 2009.

NAVIA, Luis. *Classical Cynicism: A critical study*. Westport, Connecticut and London: Greenwood Press, 1996.